



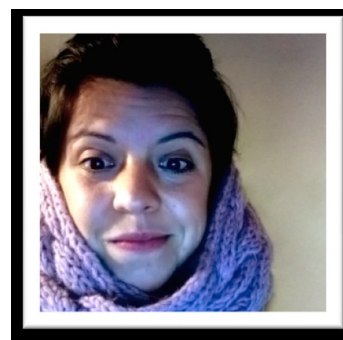
Etimologia e semântica da palavra tatuagem

Rafaella Lopes Pereira Peres | rafaellaperes@hotmail.com

| Rua Marcos André, 200 - apto.1102, Torre, CEP 50710-050, Recife/PE, Brasil)

Apresentação do autor

Doutoranda em Design Gráfico na Universidade Federal de Pernambuco (Brasil), vinculada ao LAICOM na UAB. Graduada em Design Gráfico y Mestre em Comunicação Mediática, atua principalmente com ilustração, editorial, aprendizagem, análise da Imagem, Design da informação, e representação visual.



Resumo

A discussão realizada nesse texto sintetiza as questões de origem e os significados (sempre cambiantes) adquiridos pelo termo tatuagem, considerando que a semântica das palavras se confunde com a prática que a determina e sua evolução histórica. Uma história ambivalente e dinâmica que oferece um leque de possibilidades e interpretação. Ao final, é uma forma de comunicação que depende do simbolismo, e que ao ser compartilhada extravasa sua intencionalidade.

Palavras chave . significado, comunicação, origem da tatuagem

Abstract

Etymology and Semantic of the word tattoo

The discussion in this text summarizes the questions of origin and meanings (ever-changing) acquired by the term tattoo, whereas the semantics of words can be confused with the practice that it determines and its historical evolution. An ambivalent and dynamic history, that offers a range of possibilities and interpretation. At the end, is a form of communication that depends on symbolism, and when shared exposes its intentions.

Keywords. *meaning, communication, tattoo's origin*

Há muito tempo cientistas sociais de diferentes disciplinas (DOSS, 2005; WYMANN, 2010; entre outros) se interessam pela tatuagem, os antropólogos observam as pessoas tatuadas; os psicólogos estudam os transtornos com os quais esses desenhos na pele se relacionam; aos sociólogos importam às anormalidades, motivações, a formação de grupos identitários, o contexto em que as tatuagens aparecem; a comunicação e os estudos da imagem procuram compreender as mensagens que transmitem; a criminologia e a medicina de um modo geral cobrem ainda outros tópicos. Dessa forma, esse ensaio é uma síntese reflexiva das questões de origem e os significados (sempre cambiantes) adquiridos pelo termo tatuagem até os dias de hoje. O intuito principal é compreender a etimologia e a semântica da palavra tatuagem que, assim como suas formas representativas, delineiam seus significados e sua força social.

Para compreender o termo é necessário entender que a semântica das palavras se confundem com a prática que a determina e sua evolução histórica. No caso da tatuagem é unânime (DOSS, 2005; BERGER, 2007; OLIVEIRA & GIFFONI, 2007; COSTA, 2003; entre outros), a dificuldade em apontar um momento específico de “origem”. Na verdade, se trata de uma prática ancestral que se desenvolveu de forma independente entre numerosos povos ao redor do globo. Costa (2003, p.12) sugere que aqueles que a tentaram situar, a ordenaram de acordo com diferentes culturas. Ou seja, a partir de que o homem foi capaz de controlar sua habilidade de fazer essas marcas na pele, a prática evoluiu como parte do patrimônio cultural de diferentes grupo, em diferentes contextos, e a partir de diferentes técnicas; influenciando e sendo influenciada diretamente pelo espaço e modos de vida em que se encontrava imersa.

O corpo é um reflexo da sociedade que articula significados sociais e não apenas um complexo de mecanismos fisiológicos; assim, é impossível pensar no corpo sem considerar a pluralidade de sentidos que ele engloba. Por meio de seus corpos, o homem concebe relações com o cosmos, com os deuses, com os valores centrais de seu tempo e lugar, e dele se utiliza para proceder mecanismos de inclusão e diferenciação, fazendo do mesmo um indicador de status e proclamando através deles os valores constitutivos do indivíduo e do grupo. Toda e qualquer sociedade se utiliza de formas específicas de marcar o corpo de seus membros (BERGER, 2006, p.3).

Quem conhece um pouco da história da tatuagem, talvez possa deduzir que a palavra TATUAGEM é uma dessas palavras que forma formadas por uma analogia, pela internacionalização de um termo apropriado de outro idioma. Em um belo dia do ano de 1771, quando um certo capitão inglês, exímio explorador dos mares do sul, retornou à Inglaterra, depois de sua primeira viagem às Ilhas Marquesas – no Taiti -, ele escreveu em seu livro uma forma de marcar a derme que se tratava de golpear repetitivamente a pele com uma série de agulhas

(DÄNIKEN, 1977, p.126- 128). Os golpes sobre a madeira que continha as agulhas produziam um som que gerou a onomatopéia *tatau*, e que o capitão, O Sr. Cook, começou a chamar *tattoo*, e mais tarde: TATTOO. Portanto, o termo se origina a partir de derivações de línguas do Oceano Pacífico que chegaram ao castelhano e ao português pelo inglês.

Os taitianos usavam uma espécie de pequeno ancinho de jardinagem, feito de cabo de madeira e um pente de osso humano que serrilhavam na borda para que ficasse dentada. Sobre o ancinho batiam com um pedaço de pau. Repetidos golpes do martelo no topo do ancinho produziam o tatau, que os nativos usavam para designar a ação. A raiz da palavra, ta, significa golpear, bater (COOK in MARQUES, 1997, p.42).

A semântica, o significado da palavra, no entanto, se transforma de acordo com uma serie de variáveis muito conectadas com o contexto e com a evolução histórica, e transpassa a etimologia da palavra. De acordo com Doss (2005, p.4), a historia associada à tatuagem começou há mais de 5000 anos e sua evolução é tão variada quanto os indivíduos que as usam. Interessados no tema apontam diferentes usos e significados. No antigo Egito, por exemplo, as mulheres tinham tatuagens que simbolizavam a fertilidade. Na China e na Índia, os desenhos na pele eram uma forma popular de adorno. Em tribos indígenas da América do Sul eram usados como proteção contra feridas de guerra e enfermidades, e também serviam para determinar o prestígio social ou o grau de pertencimento de determinado grupo. Na América do Norte a tatuagem se associou a praticas religiosas e mágicas. Nos anos antigos do Império Romano e Grego, assim como no Japão feudal, a tatuagem foi utilizada como forma de punição e marcação de escravos, prisioneiros e ladrões (MARQUES, 1997). E também no Holocausto. Em alguns casos eram usadas como marca distintiva de honra, como identificação (a cruz determinava o cristianismo, e em alguns guerreiros o desejo de um enterro cristão), ou ainda como recordação ou filigranas de viagem. Nas ilhas do mar do Pacífico possuem uma relevância cultural e um desenvolvimento artístico considerável; para os povos que habitaram essas ilhas, tatuar-se era uma parte muito importante de uma serie de ritos simbólicos determinantes para a vida em sociedade.

Após a viagem do conhecido e já citado Capitão Cook, a prática se difundiu pela Europa e se tornou conhecida, chegando a expandir-se nos finais do século XIX entre as classes aristocráticas da Europa. Le Breton (1998) conta que o Rei Edward VII tatuava seu corpo com frequência, e que seu filho, George VII, foi ao Japão para ser tatuado por uma das autoridades locais. Embora popular entre a realeza, a tatuagem ainda era vista por muitos com conotações

pejorativas e como um ato marginal. Missionários e etnólogos, por exemplo, definiam o procedimento como um ato monstruoso e selvagem (vide figura abaixo).

No século XX as tatuagens estiveram presentes nas classes baixas da sociedade (em prostitutas, criminosos, prisioneiros e marinheiros). E no período da II Guerra Mundial se tornaram populares nos soldados (o que se chama hoje de estilo *old school*). Nos anos 60 e 70 os movimentos juvenis (roqueiros, punks, heavys) recorreram às tatuagens como forma de identificação e de transgressão. E, finalmente, a partir dos anos 90 começaram a ser vistas como um fenômeno cultural e uma opção pessoal de embelezamento do corpo, além de um fazer artístico. Assim, sua evolução histórica é uma montanha russa de rechaços e aceitações, sendo considerado desde um símbolo de má categoria até um emblema de status, um simples ornamento até um símbolo

de exotismo e rebeldia. A justificativa para a forma como lidamos com o termo é, portanto, um complexo emaranhado de pensamentos religiosos, históricos, culturais, sociais, e claro, pessoais; que fazem com que toda a carga significativa ambivalente e dinâmica, ofereça um leque de possibilidades e interpretações que refletem não só na prática como também no uso que se faz do termo.

Por isso, ainda há uma imensidade de perguntas que podem ser feitas sobre o termo tatuagem: o que significou a chegada dessa palavra no vocabulário europeu? No que pensamos quando falamos de tatuagem? Quais são os desdobramentos do uso da palavra que remete à prática? Porque a palavra aparece como título de produções culturais que não necessariamente se relacionam com o tema? O que se pretende comunicar quando se utiliza o termo em uma música ou outra produção

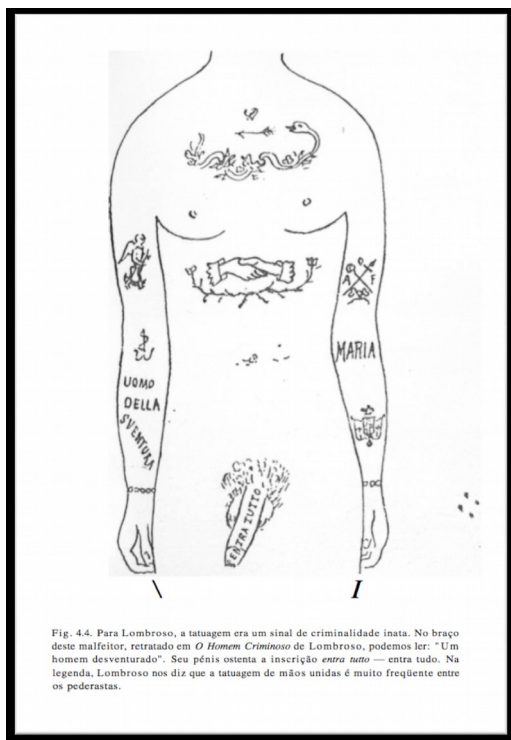


Ilustración 1: figura 1 . desenho apresentado no livro de Gould (1991, p.132), sobre os estudos e teorias de Lombroso.

How tattooing went mainstream

BY BONNIE BERKOWITZ

It's 1945, and you want a tattoo. You drive to the part of town your mom warned you about, past scruffy bars and burlesque shows, and arrive at a tiny shop offering maybe 200 designs in three or four colors. An ex-sailor who just clocked out of his day job rinses off his tattoo machine. Five minutes and \$2 later, your arm bears a patriotic eagle — a nifty example of Traditional American artwork, although no one will call it that for decades.

Now it's 2011 and you want a tattoo. You comb through online portfolios to choose an artist and call to discuss the design and book an appointment. When the day arrives, you drive to the funky-hip part of town. In a private room, the gloved artist unwraps sanitized equipment and chooses from dozens of colors of vegan-friendly ink. Six hours and \$1,000 later, you're wearing a custom piece of art — possibly in the retro-cool style of Traditional American.

While getting a tattoo can still feel like a walk on the wild side, it's a pretty safe one these days. Few government entities police tattooing because it is considered to be a cosmetic procedure rather than a medical one. But tattooists have largely cleaned up their own

Ilustración 2: Ilustración 2: figura 2 . parte de una reportagem de Berkowitz (2011) que demonstra como evoluiu e como se popularizou o fazer tatuagem desde 1945 até 2011

qualquer? A tentativa de responder essas perguntas leva às possibilidades significativas que a palavra carrega consigo. Alguns estudiosos determinam que a chegada do termo na Europa provocou uma exotização da prática como algo importado, uma marca do exótico, algo que se definiu na fronteira entre o civilizado e o selvagem. Reações parecidas em outros lugares, e outras um tanto quanto diferentes em outros. No Brasil a história da tatuagem se relaciona intimamente à marginalidade e às classes sociais mais baixas. Primeiro os índios desenhavam seus corpos de forma efêmera, depois vieram os colonizadores e marinheiros tatuados, mais tarde, os africanos escravizados foram escarificados e marcados, e então os presos, carroceiros, carregadores, engraxates, jornaleiros, trapicheiros, sapateiros aderiram à prática. Nos anos 60 e 70 as manifestações estudantis pela liberalização e autonomia, e a moda da tatuagem de henna¹, foi fazendo com que o tatuar virasse notícia nacional. Os filhos da cultura pop e da contracultura apareceram tatuados. Em 1959 Santos tinha um estúdio de tatuagem, em 1978 São Paulo também tinha um estúdio de tatuagem, em 1982 tinha dois. Os punks começaram a se tatuar, garimpeiros começaram a se tatuar. Tivemos a 1ª Convenção Internacional de Tatuagem do Brasil. A tatuagem foi se elitizando, passou por escândalos e denúncias, e continuou fazendo parte do cotidiano da população carcerária (MARQUES, 1997, p.211-212). Pouco a pouco foi se adentrando nas diversas camadas sociais. Estigmas vão sendo criados e influenciam não só na profissionalização da tatuagem como também no seu consumo, e em outros temas atrelados à ela. A discussão realizada nesse ensaio, surgiu, portanto, desses questionamentos apontados anteriormente, e da inquietação relativa aos aspectos representativos e comunicativos da palavra tatuagem. E especificamente da pergunta: porque o autor de um filme crê que as discussões presentes em sua obra podem ser representadas pelo termo tatuagem? A partir de um filme brasileiro, pernambucano, chamado TATUAGEM², que não é um filme sobre a prática da tatuagem, nem ao menos sobre algo relacionado diretamente à ela, é possível considerar que as pessoas fazem uso do termo não apenas para tratar do fazer, mas também para abarcar um conceito, um universo significativo.

No filme citado é possível uma relação direta com a tatuagem: em uma cena um dos personagens principais se tatua para expor seu amor, mas isso seria um pequeno iceberg no meio do oceano. A história, na verdade, trata de uma realidade complexa um espaço específico e discute relações de gênero, nível social e político, entre outros, muito mais intrincadas. Ou seja, não é um filme que

trata do ato de tatuar ou da tatuagem enquanto produto concreto, mas de questões e significados relativos ao tema. Permite e suscita discussões referentes ao tempo e a comunicação sutil entre passado e presente. Experiências estéticas, políticas e afetivas que tem seu surgimento deveras antigo, períodos de alta e baixa, e que começam a se tornar outra vez, e cada vez mais, audíveis e significativas. Ou seja, outros assuntos que o uso da palavra é capaz de trazer à vista. O filme também propõe uma ode à política dos corpos. E esse talvez seja um dos indicativos mais fortes da escolha do nome do filme pelo autor. No filme o autor aponta que o corpo trata de expressar-se, e existe, como um instrumento de troca e de provocação (ENTREVISTA, 2013). Se olhamos o corpo em função da transformação, ou se tomamos a própria tatuagem como um elemento questionador, podemos perceber que as pessoas se apresentam socialmente a partir de sua aparência e as decisões ou modificações que fazem nela. Para Silva *et al.* (2013, p.6), o corpo é uma construção simbólica e cultural com a qual compreendemos nosso ser no mundo, além de um instrumento social que nos permite experimentar situações e valores, e reflete o espaço em que estamos inseridos. De acordo com esses autores, “a ressignificação da modificação corporal se deu no contemporâneo como uma tentativa de identificação com o seu próprio corpo, a retomada do poder simbólico sobre o mesmo” (SILVA *et al.*, 2013, p.8). Leach (1976), afirma que “por meio de uma manipulação simbólica um grupo social se comunica, perpetua e desenvolve seus conhecimentos e atividades; dá significado ao mundo ao redor”. Uma maneira de enxergar o corpo que transforma também o conceito de tatuagem, pois retira a prática de sua referência marginalizada e a torna uma forma artística e/ou uma expressão individual. A transforma numa nova linguagem com novos sentidos. E a tatuagem, a partir de diferentes olhares, vai sendo vista como uma importante fonte de identidade cultural, como uma forma de pertencimento ou de diferenciação, já que “[...] tatuar-se não é somente pintar-se, é também escarificar: agulhar a derme introduzindo pigmentos, compondo uma marca definitiva. Essa marca tem uma dupla função: tanto coletivizar como singularizar” (COSTA, 2003, p.17).

O grande leque de possibilidades significativas que envolvem o termo mantém a porta da discussão aberta, e propõe ainda mais reflexões, pois pensar no recorrido histórico e nos usos que se faz da palavra dá margem a um RE-ponderar a contradição tão inerente à tatuagem, e na verdade, inerente à toda imagem: o forte contraponto entre o definitivo e o efêmero. A tatuagem precisa ser tratada, portanto, como um produto essencialmente simbólico e cultural que de alguma forma questiona os limites da arte e também da comunicação ao propor diferentes formas de comunicação (WYMAN, 2010, p.51). Ao mesmo tempo que é extremamente pessoal é social; além de irreversível (ainda que hoje em dia não mais) é efêmera; marginal e central quando relaciona as margens da sociedade com seus centros de poder; identifica ao mesmo tempo que diferencia; é capaz de incorporar sentidos desde a institucionalização à subversão; e pode ser considerada uma simples comunicação cotidiana, à uma prática especializada. Ao final, sempre quer dizer alguma coisa. E se torna uma espécie de evocação, uma comunicação que depende do

simbolismo e extravasa sua intencionalidade quando é compartilhada.

É um curioso destino para uma 'coisa' tão pouco material, mas símbolos e signos se tornam tão poderosos que ditaduras querem impor-los; e tão perigosos que as leis podem precisar regulamentar-los (CASTELFRANCH, 2006 - tradução nossa).

Notas

1. A tatuagem de henna é uma prática comum entre os povos da África e Ásia, diz respeito à um desenho provisório feito na pele com corantes de uma planta cientificamente conhecida como *Lawsonia inermis*, popularmente chamada de henna.
2. Um filme do cineasta Hilton Lacerda

Bibliografia

- BERGER, M. (2007). "Tatuagem; a memória na pele". Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
 - CANAL, G. O. (2011). "La memoria en la piel". In: La Vanguardia, cuaderno de Opinión, P.30.
 - CAPLAN, J. (2000). "Written on the Body: the Tattoo in European and American History". London: Reaktion Books.
 - CARROL, L. (1980). "Através do espelho, e o que Alice encontrou lá". Summus editorial, SP.
 - CASTELFRANCHI, Y. (2006). "A curiosa vida política dos símbolos". In: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico - ComCiência. Disponível em: comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=11&id=74&tipo=0 - acesso em 15/10/2014.
 - COSTA, A. (2003). "Tatuagem e Marcas Corporais: atualizações do sagrado". São Paulo: Casa do Psicólogo.
 - DÄNIKEN, E. v. (1977). "Provas de Däniken: Reconstituição em 5 continentes". São Paulo: Melhoramentos.
 - DOSS, K. S. (2005). "The communicative value of a tattoo: the role of public selfconsciousness on the visibility of a tattoo". Thesis submitted to the graduate division of the University of Hawai'i in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts.
 - ENTREVISTA: Hilton Lacerda (2013). Disponível em: filmesdochico.uol.com.br/entrevista-hilton-lacerda/ - acesso em 10/02/2014.
 - GEERTZ, C. (1978). "A interpretação das culturas". Rio de Janeiro: Zahar Editores.
 - GOULD, S. J. (1991). "A falsa medida do Homem". (p.132). São Paulo: Martins Fontes. Disponível em: <https://leandromarshall.files.wordpress.com/2012/05/gouldstephen-jay-a-falsa-medida-do-homem.pdf> - acesso em 13/09/2014.
-

- KATZ, H. (2006). "Todo Corpo é corpomídia". In: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico - ComCiência. Disponible en: comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=11&id=87 - acceso en 15/10/2014.
 - LE BRETON (1998).
 - LEACH, E. (1876). "Cultura e comunicação". Lisboa : Edições 70.
 - MARQUES, T. (1997). "O Brasil tatuado e outros mundos". Rio de Janeiro: Rocco.
 - MENDES DE ALMEIDA, M. I. (2001). "Tatuagem e subjetividade: reflexões em torno do imaginário da epiderme". In: Revista Interseções. Ano 3, n.1, jan/jun. UERJ, p. 91-109.
 - MELLO, M. (2000). "Bodies of Inscription: a cultural history of the modern tattoo community". Duke University Press.
 - OLIVEIRA, G. F.; GIFFONI, F. A. O. (2007). "Aspectos sócio-cultuais das tatuagens: uma visão histórica". In: Id online - Revista de Psicologia. Ano 1, N.3, novembro, p.14-19
 - RUBIN, A. (1987). "Marks of Civilisation: artistic transformations of the Human Body". Los Angeles: Museum of Cultural History/University of California.
 - SILVA, N.; CANDIDO, P.; MONTEIRO, T. (2013). "Tatuagem: expressão corporal do homem e da cultura". In: XV Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Mossoró – RN.
 - BERKOWITZ, B. (2011). "How tattooing went mainstream". In: The Washington Post, February, 8. Disponible en: <http://www.highbeam.com/doc/1P2-27902266.html> - acceso en 10/08/2014.
 - VIARO, M. E. "História das palavras: etimologia". In: Museu da Língua Portuguesa (As histórias das palavras). Resenha crítica in: Revista *Língua Portuguesa* – abril 2011. Disponible en: www.estacaodaluz.org.br - acceso en 25/07/2014.
 - WYMANN, C. (2010). "Tattoo: a multifaceted medium of Communications. In: *MedieKultur - Journal of media and Communications research*, 49, p.41-54.
-